

O AUTISMO ENTRE DOIS PONTOS*

THE AUTISM BETWEEN TWO POINTS

Leila Sandra Damião Farah¹

Mirian Goldenberg²

RESUMO

Introdução: o autismo, classificado atualmente como um transtorno invasivo do desenvolvimento, é uma patologia de múltiplas definições. Durante várias décadas tem-se pesquisado e discutido sua etiologia. Também a busca por caminhos reabilitadores e educacionais é árdua. **Objetivo:** descrever dois métodos educacionais, comparando suas práticas terapêutico-educacionais com o objetivo de fornecer subsídios teóricos a estudantes, profissionais e pais de autistas no aprimoramento de seus conhecimentos ou na avaliação de processo intervencionista em andamento. **Métodos:** revisão bibliográfica. **Resultados:** foram feitas observações em campo e pesquisa teórica das duas abordagens, visando analisar coerência e aplicabilidade das estratégias, de acordo com a realidade das instituições educacionais visitadas. O método Miller é fundamentado na teoria dos Sistemas de Desenvolvimento Cognitivo. Objetiva desenvolver o comportamento funcional por meio de sistemas lúdicos e estimula a linguagem oral acompanhada da língua de sinais. O método Teacch baseia-se na teoria comportamental e em pressupostos da psicolinguística. **Conclusões:** os métodos abordados possuem certas práticas de ensino convergentes, apesar de estarem inseridos em concepções teóricas divergentes.

Descritores: transtorno autístico/diagnóstico; transtorno autístico/reabilitação; transtornos do desenvolvimento da linguagem/diagnóstico; transtornos do desenvolvimento da linguagem/reabilitação; cognição/fisiologia; família; métodos.

■ INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo a descrição e a comparação de dois métodos educacionais de trabalho com autistas, bem como das teorias que os fundamentam. Como resultado, espera-se poder auxiliar pais e profissionais na avaliação do trabalho realizado com esses indivíduos, ou ainda fornecer subsídios para um conhecimento mais aprofundado da dinâmica de aprendizagem do autista, dentro de duas abordagens diferentes. Também tem como meta, incrementar o aprendizado de estudantes da área, interessados nos aspectos evolutivos, social e educacional das crianças com transtornos invasivos do desenvolvimento.

■ MÉTODOS

O método Miller e o método Teacch (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children – Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados com a Comunicação) foram escolhidos porque se embasam na crença de um potencial, por menos visível que seja, a ser desenvolvido em uma criança autista e, assim sendo, oferecem a prática para tornar real o que para muitos é utópico: a melhor integração possível do autista na família, na escola e na sociedade.

Os métodos expostos neste estudo são provenientes dos Estados Unidos da América e um deles (Teacch) é desenvolvido em algumas instituições no Brasil.

A metodologia utilizada neste trabalho consta de observações de indivíduos tratados dentro das abordagens em duas instituições educacionais para crianças especiais, perfazendo um total de 52 horas, entrevistas com os profissionais que aplicam os métodos e pesquisa bibliográfica dos autores desses métodos e das teorias em que se baseiam.

*Trabalho realizado no CEFAC – Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica.

¹Fonoaudióloga do Curso de Especialização em Linguagem do CEFAC.

²Profa. Dra. Docente da Disciplina de Metodologia Científica.

Foi visitada uma escola especial em Cleveland, Estados Unidos, que utiliza o método Miller em seu trabalho com autistas, com um total de 30 horas de observação. No Brasil, foram feitas observações em uma instituição educacional para autistas, em São Paulo, num total de 22 horas.

O fato de que o estudo seja baseado em observações de escolas de países diferentes não interfere na qualidade da coleta de dados, pois o que se pretende analisar é a aplicabilidade dos métodos e a coerência entre a teoria e a prática de cada instituição. Um dos aspectos relevantes que será destacado diz respeito aos pontos de convergência e divergência dos dois métodos abordados.

O autista

O autista é um ser único, solitário, que possui um mundo particular e misterioso. Essa é uma visão comum que se tem de uma pessoa com transtorno invasivo do desenvolvimento, como é classificado atualmente o autismo, segundo o CID (Classificação Internacional de Doenças) – 10ª Edição.

Desde a descrição de Leo Kanner, na década de 1940, do **distúrbio autístico do contato afetivo**, como sendo uma síndrome psicopatológica infantil cujas características seriam viver alheio ao mundo, manter uma relação inteligente com os objetos, obsessividade, apresentar estereotípias e ecolalia, várias definições e classificações foram desenvolvidas, dentro de correntes teóricas diversas.

Existe autor que defende a tese de que todo bebê passa por uma fase de estado autístico, quando ele ainda não tem consciência da outra pessoa como separada do eu.⁽¹⁾

Outros enquadram o autismo dentro das psicoses infantis.⁽²⁾ Em contraposição,⁽³⁾ outros ainda propõem uma teoria cognitiva para esse distúrbio, sendo concordante com terapeutas que salientam que a falta da capacidade para simbolizar é um obstáculo no desenvolvimento pragmático e, conseqüentemente, da interação social, como ocorre com os indivíduos autísticos.⁽⁴⁾

A criança autista aparenta ser fisicamente normal, mas grita, se comporta mal em público, tem acessos de raiva, realiza ações inesperadas, não brinca como as outras crianças, não se relaciona normalmente com as pessoas e não se comunica adequadamente. Os pais da criança autista não entendem por que isso tudo acontece; na maioria das vezes, se sentem culpados e profundamente afetados pela dor de saber ter um filho mentalmente enfermo.⁽⁵⁾ Logo, acrescentam-se a essa família o medo e a incerteza com relação ao prognóstico da doença e ao futuro dessa criança. Também o fato de se sentirem diferentes das outras famílias reforça o isolamento e a redução das relações so-

ciais. Diante de toda essa problemática situacional, os pais tendem a procurar ajuda em instituições especializadas, buscando compreensão e orientação para que o autista possa se desenvolver e assim melhorar a qualidade de vida de toda a família. A comunicação entre os membros da família da qual o indivíduo autista faz parte influencia o seu desenvolvimento.⁽⁶⁾

Método Miller

Este programa foi desenvolvido no Centro de Desenvolvimento Cognitivo e da Linguagem (The Language and Cognitive Development Center, LCDC) em Boston, MA – EUA. É uma escola para crianças com necessidades especiais entre três e 14 anos de idade. Há também um programa clínico que atende crianças entre 18 e 36 meses. O Centro foi fundado em 1965 pelo Dr. Arnold Miller, PhD, professor de psicologia da Universidade de Clark, EUA, e pela sua esposa, Dra. Eileen Eller-Miller, MA, fonoaudióloga.

A partir da crença de que a habilidade para avaliar e responder ao mundo externo é essencial para a sobrevivência, bem como compreender os outros e se expressar são fundamentais, foi criada a abordagem dos **sistemas de desenvolvimento cognitivo**.

A criança constrói a habilidade para generalizar o aprendizado através da maneira pela qual lhe são ensinadas determinadas práticas.⁽⁷⁾

Tal abordagem avalia a maneira particular com que cada criança reage ou não a diferentes partes de uma situação e seus sistemas de realidade, os quais se referem à organização da criança e à manutenção de diversas relações (ação-pessoa; ação-objeto; ação-evento) e suas estimulações. Quando interrompidos, esses sistemas produzem meios compensatórios autogerados de se restabelecerem, os quais produzem a estrutura para a ação intencional e o desenvolvimento da linguagem. É feito, então, um trabalho que visa expandir e transformar os sistemas de realidade limitados e enriquecer o repertório da criança, introduzindo novos sistemas através de esferas (atividades sequenciais repetitivas e deliberadamente prestabelecidas). Com isso, a criança é capaz de fazer a transição de uma situação para outra sem angústia e sua habilidade para lidar com diferentes situações da vida evolui acentuadamente. O trabalho é realizado em pranchas de madeira, elevadas 50 a 90 cm de altura do chão, de formato quadrangular, o *elevated square*, ou quadrado elevado. Todas as ações realizadas pela criança nas pranchas são narradas (p. ex., subir, descer, dentro, acima etc.) e sempre acompanhadas pela linguagem de sinais. Então, a criança desenvolve um repertório de significados, o qual pode ser literalmente transferido para o solo. A criança se sente “guiada” pelos sinais e pala-

vras nessas atividades, desde que estejam relacionados com suas ações.



Fig. 1. Quadrado elevado.

Segundo os profissionais do LCDC, há cinco fatores importantes que determinam o progresso de uma criança autista: idade da criança; implicações neurológicas; relacionamento com a família; sistema característico e postura dos pais.

Experiência com o método Miller

O contato com o método Miller foi feito em uma escola especial pública dos Estados Unidos. Foram realizadas observações do trabalho prático e entrevistas com os profissionais. A equipe de profissionais é grande e conta com especialistas nas áreas de fonoaudiologia, terapia ocupacional, fisioterapia, psicologia, serviço social e magistério.

As classes são divididas pela idade das crianças, independentemente da patologia, e seguem o programa de uma pré-escola normal, porém com atenção individualizada da professora e das terapeutas, as quais fazem um trabalho diário específico com cada criança, assim como também com o grupo, dentro da própria sala de aula. Os pais têm livre acesso para participar das aulas e recebem orientação continuamente. O trabalho fonoaudiológico, especificamente em sala de aula, enfatiza estimulação de linguagem e adequação da motricidade oral.

As crianças autistas são trabalhadas dentro do método Miller, uma ou duas vezes por semana, conforme o caso, em sala própria, onde foi construído o quadrado elevado. Os profissionais que atuam com o Miller têm formação universitária em área terapêutica (fonoaudiologia, terapia ocupacional, fisioterapia) e contam com assistentes que, geralmente, envolvem-se com esse trabalho por serem

parentes de crianças autistas que freqüentam a escola. Todos esses profissionais passaram pelo curso de formação, em Boston, EUA, ministrado pela equipe do Dr. Miller, criador do método. Uma sessão por mês de cada criança é assistida através de videoconferência pelo próprio Dr. Miller. Nesse momento, ele avalia os procedimentos utilizados, a atuação do terapeuta, a evolução da criança e faz as orientações necessárias. Quando o terapeuta é um fonoaudiólogo, a estimulação da linguagem e o uso da comunicação por meio de sinais são naturalmente mais enfatizados.

Atividades motoras e tarefas simples iniciam o trabalho. O quadrado elevado e os materiais vão sendo modificados, tornando as atividades mais difíceis à medida que a criança vai conseguindo realizá-las com eficiência. Os movimentos perseverativos são cortados naturalmente porque o autista tem tarefas motoras a cumprir continuamente. Além do quadrado elevado, outros materiais também são utilizadas com os autistas, como por exemplo carrinhos, blocos de madeira, rampas, bolas e outros.

Método Teacch

O programa Teacch (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children), que em português significa Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficit Relacionados com a Comunicação, é um programa educacional e clínico com uma prática predominantemente psicopedagógica criado a partir de um projeto de pesquisa que buscou observar profundamente os comportamentos das crianças autistas em diferentes situações e frente a diferentes estímulos. A divisão Teacch foi fundada em 1972 na Universidade da Carolina do Norte, EUA, pelo Dr. Eric Schopler *et al.* do departamento de psiquiatria dessa Universidade. As pesquisas do Dr. Schopler apontam algumas conclusões relativas às crianças autistas. Em primeiro lugar, o autista é vítima de uma síndrome e muitos dos seus distúrbios de comportamento podem ser modificados à medida que ele consegue expressar-se e entender o que se espera dele. Outro dado importante é que as crianças autistas são mais responsivas às situações dirigidas que às livres e também respondem mais consistentemente aos estímulos visuais que aos estímulos auditivos.⁽⁸⁾ O método Teacch fundamenta-se em pressupostos da teoria comportamental e da psicolinguística.

Vamos esclarecer alguns pontos fundamentais da terapia Comportamental para a compreensão do modelo Teacch.⁽⁹⁾ Além de indicar, especificar e definir operacionalmente os comportamentos-alvo a serem trabalhados, o terapeuta do programa Teacch tem a possibilidade de desenvolver categorias de repertórios que permitem avaliar de maneira qualitativa aspectos da interação e organização do comportamento, bem como o curso do desenvolvimen-

to individual em seus diferentes níveis. É imprescindível que o terapeuta manipule o ambiente do autista de maneira que comportamentos indesejáveis desapareçam ou, pelo menos, sejam amenizados, e condutas adequadas recebam reforço positivo.

Passando para a área da psicolinguística, a prática Teacch fundamenta-se nessa teoria a partir da afirmação de que a imagem visual é geradora de comunicação. A linguagem, inicialmente não-verbal, sendo um sistema simbólico complexo, baseia-se na interiorização das experiências. Ao mesmo tempo que a linguagem não-verbal vai dando significados às ações e aos objetos, vai também consolidando a linguagem interior. O corpo vai incorporando significados através da “ação no mundo” enquanto desenvolve de maneira progressiva a comunicação – que pode ser oral, gestual, escrita etc. A linguagem, portanto, é o resultado da transformação da informação sensorial e motora em símbolos integrados significativamente.

Na terapêutica psicopedagógica do método Teacch trabalha-se concomitantemente a linguagem receptiva e a expressiva. São utilizados estímulos visuais (fotos, figuras, cartões), estímulos corporais (apontar, gestos, movimentos corporais) e estímulos audiocinestésicos (som, palavra, movimentos associados às fotos) para buscar a linguagem oral ou uma comunicação alternativa.

Por meio de cartões com fotos, desenhos, símbolos, palavra escrita ou objetos concretos em seqüência (p. ex., potes, legos etc.), indicam-se visualmente as atividades que serão desenvolvidas naquele dia na escola. Os sistemas de trabalho são programados individualmente e ensinados um a um pelo terapeuta. Quando a criança apresenta plena desenvoltura na realização de uma atividade (conduta adquirida), esta passa a fazer parte da rotina de forma sistemática.



Fig. 2. Sala de aula com as mesas de trabalho individual.

Experiência com o método Teacch

A prática da metodologia Teacch foi conhecida por meio de observações do trabalho realizado em uma instituição educacional brasileira e de entrevistas com os profissionais envolvidos nesse trabalho. A instituição atende pessoas carentes e é mantida por doações. Possui duas sedes, onde são atendidos por volta de 50 crianças e jovens, sendo 12 residentes.

Foi elaborado um programa pedagógico que segue os preceitos da pré-escola e do início do curso fundamental. Há também programas pré-profissionalizantes e de atividades de vida diária que complementam o trabalho em sala de aula.

A classe é, geralmente, composta por quatro alunos; há um professor e um assistente. Enquanto o professor ensina uma tarefa nova a um aluno, os outros trabalham sozinhos sob a supervisão do assistente. Estes profissionais não têm obrigatoriamente um curso superior ou especialização na área; são treinados, num curso teórico-prático na própria escola.

O professor ensina uma tarefa conduzindo as mãos do aluno e sempre utilizando os cartões como apoio visual. Aos poucos, direciona cada vez menos até que a criança consiga realizar a atividade sem ajuda, apenas sendo guiada pelos cartões.

Além deste trabalho educacional, os profissionais com formação superior em musicoterapia, educação física e fonoaudiologia, vêm desenvolvendo outros programas que são conjugados à rotina diária dos autistas.

O trabalho fonoaudiológico compreende diferentes abordagens, escolhidas a partir da avaliação feita pela fonoaudióloga de cada criança. Além disso, a fonoaudióloga também avalia motricidade oral. A “aula de fono”, como é chamada, é sempre individualizada e abrange os aspectos linguagem e motricidade oral. O trabalho educacional do Teacch enfatiza mais a comunicação receptiva.

Apesar de os princípios metodológicos do Teacch incluírem, além dos estímulos visuais, os estímulos corporais e audiocinestésicos para desenvolver comunicação, a fonoaudióloga declarou, em entrevista, que não utiliza aprendizado de linguagem de sinais porque acredita que o problema do autista não seja o mutismo; o que ocorre é que ele não processa a informação via comunicação gestual (mesmo ela sendo de caráter visual), pois não consegue simbolizar. Isto é, o autista não tem capacidade cognitiva para entender o significado dos gestos, que são simbólicos e não representativos fiéis das palavras. As “aulas de fono” têm caráter diretivo, a verbalização é usada para dirigir e reforçar atividades e a postura da fonoaudióloga é formal e séria.

Reflexões comparativas sobre os dois métodos

Na busca de compreender os déficits do autista, o método Miller está calcado na teoria dos sistemas de desenvolvimento cognitivo. Toda criança nasce com a disposição para fazer contato, explorar, comunicar-se e fazer representações da realidade que experiencia e se desenvolve por estágios, construindo sistemas de realidade.⁽⁷⁾ O autista não consegue ter uma percepção nítida do corpo ou de si mesmo com relação ao mundo, trazendo forte prejuízo na capacidade para reagir e influenciar o meio em que vive. Conseqüentemente, essa criança é levada à dispersão, ao isolamento em si própria e a comportamentos estereotipados. O modelo Teacch apóia-se na teoria comportamental e na psicolinguística. A primeira dita as bases para o trabalho educacional/terapêutico com crianças vítimas da síndrome autística, que têm como característica fundamental sérios distúrbios de comportamento. A psicolinguística, por sua vez, procura explicar os problemas ligados ao desenvolvimento da linguagem, os quais são conseqüência de déficit na organização, na atenção e no processamento mental, que impedem o autista de compreender com clareza regras e padrões da linguagem.

O método Miller e o método Teacch, quando se referem ao desenvolvimento da linguagem, têm um ponto em comum: as duas abordagens acreditam que a linguagem receptiva precede a linguagem expressiva. E continuam concordantes ao afirmarem que é importante estimulá-las simultaneamente. O método Miller utiliza como estratégia para trabalhar a comunicação, a linguagem de sinais acompanhada de verbalização com base na crença de que a linguagem gestual é uma fase de transição no desenvolvimento da linguagem, sendo os sinais uma "ponte" entre a palavra e sua referência. Também inclui o trabalho com esferas de contágio, integrativas ou miniesferas, proporcionando o surgimento de comunicação expressiva intencional. Já a abordagem Teacch, diferentemente de Miller, fundamenta-se nos pressupostos de que a imagem visual é geradora de comunicação e a linguagem é o resultado da transformação sensorial e motora em símbolos integrados significativamente. Para tanto, faz uso de estímulos visuais, corporais e audio-cinestésico-visuais para buscar a comunicação.

É importante destacar como cada método encara a capacidade de aprender do autista. O Miller afirma que a criança constrói a habilidade para generalizar o aprendizado a partir de determinadas práticas que lhe são ensinadas. Para isso, é utilizado o quadrado elevado, que permite à criança tornar-se mais consciente de seu corpo, mais focada e capaz de lidar com os obstáculos que surgirem. As atividades são sempre narradas e acompanhadas pela linguagem de sinais. O autista, então, sente-se guiado pelas palavras e sinais e é capaz de desenvolver um repertório de significa-

dos e transferi-lo para o solo. Fundamentalmente, o Teacch considera que é muito difícil que o autista consiga generalizar seus aprendizados e fazer analogias. Por isso, o método ressalta a importância do uso constante e estruturado dos cartões de apoio visual, dos painéis de agendamento, enfim, de todas as pistas visuais que vão orientar e dirigir as atividades diárias do indivíduo.

No tocante à comunicação alternativa, o método Miller procura estimular sempre a linguagem intencional oral e gestual concomitantemente, pois acredita que todo autista pode chegar a desenvolvê-las, de acordo com o nível de seu comprometimento. A abordagem Teacch vai mais além, postulando que todo autista é capaz de pensar e compreender, ainda que por canais diferenciados, dentro de suas limitações e graus de déficit.⁽¹⁰⁾ Portanto, aceita toda forma de comunicação expressiva vinda do autista como, por exemplo, comunicar uma vontade ou necessidade através de um cartão com uma figura. Mas adverte que há vários níveis de limitações inerentes ao quadro autístico: há desde os que vão conseguir falar, ler e escrever razoavelmente até os que ficarão restritos a verbalizar poucos sons ou palavras não-intencionais.

Enquanto o método Teacch procura desenvolver repertórios de condutas por meio de rotinas guiadas pelos apoios visuais, o método Miller o faz por intermédio do quadrado elevado e das esferas, e ainda objetiva enriquecê-los, expandindo e transformando os sistemas de realidade limitada.

É interessante observar a discrepância entre os métodos no que se refere ao controle de comportamento. A metodologia Miller dá ênfase no comportamento dirigido, quando, na busca de solucionar problemas, constrói repertórios de conduta, que organizam o pensamento e em conseqüência, o próprio comportamento. O quadrado elevado é escolhido, então, porque fornece estações nas quais diferentes tarefas são realizadas dentro de espaços delimitados, estruturando o comportamento da criança. Indo no caminho inverso, a estratégia Teacch está baseada numa organização do meio físico de tal forma que os problemas comportamentais sejam amenizados. A ênfase é dada na estruturação da tarefa e do material e no uso de estruturas que minimizem dificuldades antes que as condutas inadequadas surjam. Toda essa rede integrada organiza o comportamento do autista e, por conseguinte, sua capacidade para aprender.

Um grave problema relacionado com o autista é o acesso de raiva. Neste ponto, os dois métodos novamente divergem. Os acessos de raiva fazem parte da carência na habilidade do autista em lidar com pessoas ou objetos em seu meio.⁽⁷⁾ Já a pesquisa do Dr. Schopler chegou à conclusão que esses acessos são distúrbios de comportamento, ligados ao quadro da síndrome autística. O profissional do método cognitivo tenta compreender a razão do acesso e a

necessidade que está sendo expressa, que varia de uma criança para outra. Então, usa rituais repetitivos e tranquilizadores para ajudar a criança a se reorganizar. O terapeuta da conduta, por sua vez, pode recorrer a algumas técnicas, como modelo operante, modelo respondente ou fortalecimento de conduta incompatível.

Outro aspecto discordante entre as duas abordagens diz respeito ao desenvolvimento do comportamento intencional. Enquanto o método Miller procura estimular a iniciativa para realizar ações por meio de interrupções seletivas nas atividades esféricas, o método Teacch não prioriza isso. O material de apoio visual dirige e orienta as ações do autista constantemente.

Os dois métodos descritos neste estudo concordam em todos os níveis quando o assunto se refere à família. Tanto para o método cognitivo quanto para o comportamental, o autista é um desafio constante e doloroso para os pais. Sua problemática comportamental ocasiona nos familiares uma mistura de medo, frustração e tormento, levando a situações ora estressantes, ora vulneráveis que ameaçam a integração da família. O método Miller e método Teacch objetivam dar suporte às necessidades da família no que diz respeito às ações educacionais/terapêuticas e com isso buscar expandir para casa o que é trabalhado na escola/instituição.

Apesar de estarem inseridos em concepções teóricas diferentes, ambos os métodos avaliam o autista por meio de tarefas que o classifiquem conforme seu nível de desenvolvimento cognitivo e interacional, com a intenção de elaborar um programa individualizado de intervenções baseado nas necessidades do indivíduo.

O método Miller utiliza a avaliação *Umwelt*, que é um termo proposto por Uexkull, a qual analisa a realidade particular construída pelo criança e dentro da qual ela vive.⁽¹¹⁾ Lord, Bristol e Schopler, criadores do método Teacch, consideram importante só iniciar uma avaliação mais completa depois de diagnosticado o autismo pelo critério diagnóstico modelo da Associação Americana de Psiquiatria.⁽¹²⁾ Então, é aplicado o teste do perfil psicopedagógico (PEP), que estabelece níveis de desenvolvimento em sete áreas.

A partir daí, os métodos se afastam e cada um busca desenvolver à sua maneira, o melhor possível, as potencialidades de um indivíduo que, num momento, pode se mostrar completamente absorto em seu mundo, e em outro apresentar acessos de raiva contra tudo que o cerca. E nesse ponto, Miller e Schopler, são mais concordantes que nunca: o autista é um desafio único e diário.

■ CONCLUSÕES

Mediante pesquisa minuciosa da teoria na qual se baseiam os métodos, das estratégias utilizadas e dos resultados obtidos, bem como da observação do trabalho em duas escolas, uma nos EUA e outra no Brasil, pretendeu-se traçar

um paralelo entre as duas metodologias, descrevendo as estratégias praticadas.

Os objetivos específicos a que se destina este estudo são comparar e analisar os pontos convergentes e divergentes relativos à prática educacional com autistas dos métodos Miller, fundamentado em teorias cognitivas, e Teacch, de base comportamental.

No transcorrer da pesquisa, foram encontradas duas abordagens distintas na filosofia de base, porém com algumas semelhanças na atuação terapêutica-educacional. O comportamento funcional é o foco principal de ambas. A busca em desenvolver um repertório de conduta, é um objetivo comum. A diferença está na funcionalidade desse repertório e nas estratégias que cada instituição observada viabiliza.

O método Miller usa o comportamento no sentido de desenvolver o pensamento da criança, enquanto o Teacch acredita que as condutas adequadas levam à autonomia.

Os métodos abordados, grosso modo, têm certas práticas de ensino convergentes, mas, analisando minuciosamente os caminhos teóricos que os autores percorreram para chegar até a estruturação definitiva das mesmas, conclui-se que cada metodologia tem uma concepção do autismo muito particular e, a partir dela, propõe formas educacionais e reabilitadoras para que o indivíduo se desenvolva de acordo com suas condições cognitivas e interacionais.

É importante abordar a questão da aplicabilidade e da coerência com relação ao método da escola e da instituição observadas.

Quanto à postura frente ao autista e sua interação com ele, a abordagem cognitiva possibilita uma interação mais íntima entre terapeuta e criança, incentivando o contato afetivo mesmo que envolto em tarefas muito específicas e predeterminadas pelo programa terapêutico-educacional. Já o método comportamental não incentiva esse tipo de contato entre monitor/terapeuta e aluno, reforçando a adoção de postura mais formal e direcionadora por parte do profissional, porém, curiosamente, num contexto que possibilita maior uso da criatividade, no que se refere à formatação das atividades. Ambas as instituições visitadas mostram coerência nesse aspecto, seguindo precisamente as orientações dos métodos.

No tocante ao desenvolvimento e à estimulação da linguagem do autista, a visão cognitivista acredita que o comportamento organiza o pensamento; o emprego das palavras torna-se acessível à criança a partir dos progressos de seu pensamento, o qual progredirá em função do próprio comportamento. Logo, comportamento e linguagem fazem parte de um mesmo sistema evolutivo, um influenciando e sendo influenciado pelo outro. A escola americana observada, que utiliza o método Miller, sendo coerente com a teoria que a fundamenta, determina estratégias terapêutico-educacionais focando o comportamento direcionado, intencio-

nal e funcional, através do quadrado elevado e das tarefas esféricas. Concomitantemente, emprega narrações das ações acompanhadas da linguagem de sinais, visando estimular a linguagem receptiva e de emissão da criança. O método Teacch, a respeito do mesmo assunto e baseado na teoria comportamental, fundamenta seu trabalho na crença de que há vários graus de comprometimento da síndrome autística e as limitações presentes são inerentes ao quadro. Além disso, o autista tem maior dificuldade em processar as informações auditivas do que as visuais. Esta abordagem também tem como alicerces os pressupostos da psicolinguística, que considera que a imagem visual é geradora de comunicação. Portanto, conclui-se que é possível desenvolver no autista uma linguagem alternativa, por meio de estímulos e apoios visuais, mesmo quando o comprometimento for grave a ponto de não permitir a aquisição da linguagem oral. A escola visitada, que aplica a metodologia Teacch em seu trabalho, é concordante com este método no que diz respeito à estruturação global, tanto do meio físico como das atividades. Porém, conforme observado, as atividades que envolvem comunicação ficam aquém do que é sugerido nos anais teóricos do método, quanto a desenvolver comunicação de emissão alternativa. A ênfase é dada na linguagem receptiva, mediante apoios visuais (cartões de figuras/fotos, painel de agendamento etc.).

Nos outros aspectos, analisados anteriormente, as duas instituições são fiéis ao método que aplicam, tanto no trabalho com o autista como com a família. Entretanto, há uma diferença substancial, extraída das entrevistas, entre os profissionais das escolas no que diz respeito ao conhecimento da teoria que embasa o método empregado. Os profissionais da escola americana dominam com segurança as bases teóricas do método Miller. Já os profissionais da instituição brasileira não têm conhecimento aprofundado das teorias que originaram o método Teacch. Afirmam que a abordagem utilizada tem como base o interacionismo.

Mas, será que o indivíduo autista é capaz de aprender ou ele é apenas treinado? Se aprende, em que nível? Será que ele consegue abstrair conceitos, desenvolver raciocínio lógico ou apenas recita assuntos memorizados? Fica a expectativa de que essas questões suscitem novas pesquisas na área, o que trará ricas contribuições para os profissionais e enormes benefícios aos indivíduos autísticos. E que o estudo aqui desenvolvido possa contribuir para um conhecimento mais aprofundado do tema, sirva de meio comparativo na prática com autistas ou até mesmo para incentivar instituições educacionais na adoção de uma metodologia condizente com os princípios do trabalho realizado.

Adotar uma prática cognitivista ou comportamental no trabalho com autistas leva a diferenças substanciais na maneira de abordar, interagir e orientar esse indivíduo. O importante é a coerência entre a concepção que se tem do autismo e a metodologia que se pratica.

Na multiplicidade de concepções dessa patologia, o comprometimento da interação com o outro é o que permeia, é a essência fundamental. Pode-se acreditar que o autismo é um distúrbio do desenvolvimento cognitivo, neurológico ou até mesmo psiquiátrico. O que não se pode negar é a dificuldade desse indivíduo em interagir.

O autista pode ser de autofuncionamento ou viver completamente alienado do mundo que o cerca. Ainda assim, independentemente do grau do comprometimento, é a problemática interacional que a determina.

Neste sentido, qualquer que seja o modelo terapêutico-educacional em uso, o trabalho sempre deve ser permeado pela busca constante e intensiva de desenvolver a comunicação interativa, seja através da linguagem verbal e/ou não-verbal.

Miller e Teacch: dois métodos, duas concepções... dois pontos deste universo incógnito que é o mundo dos autistas.

ABSTRACT

Introduction: the autism, classified as a pervasive developmental disorder, is multiple definition pathology. During several decades its etiology has being researched and discussed. Also, the search for educational and rehabilitation methods is very hard. **Purpose:** to describe two educational methods, comparing its therapeutic-educational practices with the objective of supplying theoretical subsidies to students, professionals and autistic parents. This is important to improve the knowledge and the therapeutic evaluation process. **Methods:** bibliographical revision. **Results:** observation field on both methods were made, in order to study the strategies coherency and application, according to the visited educational institutions reality. The Miller Method is based on the cognitive development systems theory. Its target is the functional behavior development through games systems, and stimulates the speech together with the sign language. The Teacch Method is based on the behavioral theory and psycholinguistic fundaments. **Conclusions:** the broached methods have some convergent teaching practices despite of being inserted in divergent theoretical concepts.

Keywords: autistic disorder/diagnosis; autistic disorder/rehabilitation; language development disorders/diagnosis; language development disorders/rehabilitation; cognition/physiology; family; methods.

■ REFERÊNCIAS

1. Tustin F. Estados autísticos em crianças. Rio de Janeiro: Imago; 1984.
2. Assumpção Júnior FB. Conceito e classificação das síndromes autísticas. In: Schwartzman JS, Assumpção Júnior FB. Autismo infantil. São Paulo: Memnon; 1995. p. 3-15.
3. Araújo CA. Teorias cognitivas e afetivas. In: Schwartzman JS, Assumpção Júnior FB. Autismo infantil. São Paulo: Memnon; 1995. p. 79-99.
4. Ritvo ER. Autism: diagnosis, current research and management. New York: Spectrum; 1976. p. 4-60.
5. Rozental MCL. Autismo. Enfoque fonoaudiológico: el síndrome de autismo infantil con especial referencia a los problemas. Buenos Aires: Panamericana; 1983. p. 113-26.
6. Sprovieri ERB. Família, autismo e sociedade. In: Schwartzman JS, Assumpção Júnior FB. Autismo infantil. São Paulo: Memnon; 1995. p. 264-75.
7. Miller A, Miller EE. From ritual to repertoire: a cognitive developmental systems approach with behavior disordered children. New York: Wiley; 1989.
8. Schopler E. Principles for directing both educational treatment and research. In: Gillberg C editor. Diagnosis and treatment of autism. New York: Plenum Press; 1989. p. 167-83.
9. Lewis SMS, Leon VC. Programa TEACCH. In: Schwartzman JS, Assumpção Júnior FB. Autismo infantil. São Paulo: Memnon; 1995. p. 233-63.
10. Lopes ERB. Autismo: trabalhando com a criança e com a família. São Paulo: EDICON; 1997.
11. Miller A, Miller EE. A new way with autistic and other children with pervasive developmental disorders. *Psychiatr Clin North Am* 1991; 14:5-27.
12. Lord C, Bristol MM, Schopler E. Early intervention for children with autism and related developmental disorders. In: Schopler E, Van Bourgondien ME, Bristol MM. editors. *Preschool issues in autism*. New York: Plenum; 1993. p. 199-219.

Recebido para publicação em: 23/11/2000

Aceito em: 12/02/2001

Endereço para correspondência

Nome: Leila Sandra Damião Farah

Endereço: Rua Carlos Maria Della Paolera, 426 – CEP: 04150-040 – São Paulo – SP

Fone/fax: (11) 9253-1192

Nome: Mirian Goldenberg

Endereço: Rua Cayowaá, 664 – CEP: 05018-000 – São Paulo – SP

Fone/fax: (11) 3675-1677

e-mail: cefac@cefac.br

<http://www.cefac.br>